

Música  
29 Novembro 2011

# Aldina Duarte

## Contos de Fados

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

***Culturgest***



Voz Aldina Duarte  
Guitarra portuguesa José Manuel Neto  
Viola Carlos Manuel Proença  
Som Alfredo Almeida  
Luz Paulo Mendes

Ter 29 de Novembro  
21h30 · Grande Auditório · Duração aprox. 1h15 · M12

*Contos de Fados*, uma ideia de Aldina Duarte; o pedido de novas letras aos autores, Manuela de Freitas, Maria do Rosário Pedreira, José Mário Branco, José Luís Gordo, e uma delas da autoria da própria fadista, foi acompanhado de uma ideia central: teriam de ser escritas a partir de obras literárias à escolha dos autores, e teriam de obedecer à métrica e à rima da estrutura poética das melodias do fado tradicional. Depois das letras feitas é que Aldina Duarte seleccionou as melodias mais adequadas ao ambiente da história.

Aldina canta letras originais escritas a partir de obras literárias, portuguesas e estrangeiras, de diversos estilos, conto, romance, fábula, teatro, poema, etc., todas cantadas nas melodias do fado tradicional.

Este repertório nasce da paixão de Aldina Duarte pela leitura, pela literatura e pela poesia em particular, é, portanto, um tributo da fadista aos livros. E às palavras, e à musicalidade da língua portuguesa, e à poesia, e ao seu grande amor musical, as melodias do fado tradicional.

De salientar o excelente trabalho de Carlos Manuel Proença e José Manuel Neto com características únicas na obra de Aldina Duarte. A solidez de uma equipa de sempre, quer no som, Alfredo Almeida, quer nas luzes, Paulo Mendes, faz-se sentir em cada concerto criado a partir de cada novo disco.

Aldina inova “sem querer”, naturalmente, através do que a torna absolutamente singular no fado; distinguida pela crítica como uma voz inconfundivelmente demarcada pela sensibilidade musical que nasce do sentido da palavra e da divisão das frases, acompanhada

de uma intensidade interpretativa plena de paixão pelo canto da poesia. Alguém um dia lhe chamou “A Voz Inteligente” como é reconhecida por todos aqueles que admiram o seu trabalho, a começar pelo público fiel que a acompanha desde sempre.

### ***A Balada do Café Triste***

Comprei-lhe «A Balada do Café Triste» depois de quase ter passado por ladrão

de livros, mexendo-lhes sem olhar para eles enquanto rondava de todos

os lados aqueles olhos que se viam de qualquer ponto da feira, mesmo

se houvesse obstáculos o verde atravessava-os, o verde tornava tudo

verde entre mim e ela, e no meio dessa cor unânime a rapariga

era ainda mais. Pouco importa, leitor, se houve depois alguma história,

entre homem e mulher não se passa muito mais: uns olhos que de repente

são necessários e pelos quais passamos por ladrões de livros ou pior.

Nunca li «A Balada do Café Triste».

Pedro Mexia

## Aldina Duarte

### Na primeira pessoa

Nasci em Lisboa. Cresci em Chelas num bairro social. A minha mãe alertou-me para a importância de aprender com tudo o que visse e ouvisse. Falou-me da importância de usar a imaginação e os sonhos para superar as dificuldades da vida. Ensinou-me a acreditar na vida e a ouvir o coração.

Comecei a trabalhar com 20 anos num jornal, depois numa rádio e por fim no Centro de Paralisia Cerebral. Comecei por cantar no coro de um grupo meio musical, meio teatral, “Valdez e as Piranhas Douradas”, enquanto trabalhava no CPC. A minha alegria passou para o meu trabalho e gosto de pensar que os meus alunos têm hoje memórias que tornam as suas vidas mais agradáveis. Entre a minha vida diurna e a minha vida noturna, durante um ano, participei no filme *Xavier*, de Manuel Mozos, a cantar um fado; recordo o fado *A Rua do Capelão*, porque as filmagens eram mesmo na Rua do Capelão, na Mouraria. Os moradores da zona bateram tantas palmas que tive de repetir o fado só para eles ouvirem. Nunca mais esqueci essa noite e desde então sempre senti um grande respeito por esta arte.

Mais tarde, comecei a tirar tons na casa de fados onde, pela primeira vez, ouvi Beatriz da Conceição, recomendação imperativa do realizador Jorge Silva Melo, a quem fiquei de levar uma entrevista desta artista para ser utilizada num documentário sobre o fado; falámos de fado e da sua vida de fadista. Fiquei apaixonada por tudo o que ouvi, pedi-lhe conselhos, falou-me de tudo o

que é mais importante no fado. Quis ser fadista. Passei dias a ouvir muitos discos de fado, noites a ouvir muitos fadistas, meses a ler e a decorar poemas. E o primeiro espectáculo que fiz foi para os funcionários do CPC. Emprego que acabei por deixar.

Cantei fado, numa peça de teatro, *Judite Nome de Guerra*, de Almada Negreiros, encenada por Germana Tânger, no Teatro São Luiz. Foi o primeiro teatro em que estive no palco. Ganhei a noção do quanto estas profissões têm de sagrado, achando cada vez mais que muito mais havia para aprender. Pouco tempo depois, fui fazer os fins de semana na Casa do Registo da Mãe d'Água, uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, *Noites de Fado nas Festas da Cidade*. Comecei a achar que a comunicação era maior quando cantava em locais mais pequenos. Depois, veio a televisão, um programa de Filipe La Féria, *Grande Noite*. Ao fim de três programas senti que não estava no lugar certo, havia muitas luzes, estava sempre a mudar de roupa, a entrar e a sair de cena, não conseguia concentrar-me no que cantava e achei que não sabia o suficiente para merecer estar ali.

Depois deste começo, parei para ver o que queria fazer. Criei as *Noites de Fado no Teatro da Comuna*, com a ajuda do encenador João Mota e Paulo Anes, com quem muito aprendi sobre a seriedade e a beleza do teatro, da poesia e do fado. Senti-me em casa, entendida e apoiada. Foram criadas condições para aprender o essencial para me tornar uma fadista profissional. Trabalhei com o Camané, a sua genialidade como artista era marcante, o seu saber como fadista era uma lição permanente, o seu amor à sua

profissão era um compromisso para a vida toda, o seu apoio ao meu trabalho ajudaram-me a tomar a decisão de ser fadista profissional. Convidávamos, uma vez por mês, os fadistas que admirávamos e os actores que diziam poesia de poetas portugueses: Beatriz da Conceição, Manuel de Almeida, Maria da Nazaré, Carlos Paulo e Manuela de Freitas. Com o apoio incondicional dos grandes amigos de sempre, as pessoas enchiam as nossas noites, os jornais falavam muito e bem da ideia, o público era composto por gente nova, menos nova, ricos e pobres, famosos e anónimos.

Recebi um convite para trabalhar, todas as noites, na casa de fados, o Clube de Fado, do Mário Pacheco, guitarrista. Era como se tivesse conseguido ter nota para uma entrada difícil na escola dos fadistas, a casa de fados. Quis criar durante o meu momento de cantar qualquer coisa do que havia sentido na minha passagem pelo Teatro São Luiz e na minha experiência na Comuna. Mantive os rituais que sempre achei distintos e belos no fado: o xaile preto, o vestido preto, discreto e elegante, o silêncio, a luz baixa, tudo o que sempre me deslumbrou desde a primeira vez que vi e ouvi diversos fadistas que, tantas vezes, diziam, “O fado é uma coisa muito séria porque é sagrado”. Fui bem sucedida, acabando por ser convidada a cantar noutras casas de fado e a participar em diversos espectáculos.

Um dia, surgiu um convite para o estrangeiro, um importante teatro europeu, o Piccolo Teatro de Milão, para cantar fado numa peça sobre a vida de Fernando Pessoa, *Os Últimos Três Dias de Fernando Pessoa*, escrita por António Tabucchi e dirigida por Giancarlo Dettori

(actor principal)/Lamberto Puggelli (encenador)/Giorgio Strehler (o mestre). Desta experiência trouxe muito do que quero hoje para a minha vida e para o meu fado. O respeito dos artistas pelo público é total, jamais lhes mentem no que quer que seja, a gratidão é sempre declarada, a luta pela defesa de tudo o que é cultura dum povo, a devoção do público aos seus artistas é total, pois o público que eu vi entrega aos artistas o seu património e os artistas fazem tudo para merecer tal confiança. Desde a costureira, passando pela cozinheira, até aos mestres, todos entoam as suas canções, todos lêem os seus escritores, todos querem saber mais sobre as suas artes e a sua história.

Voltei cheia de saudades de Lisboa, da minha família, dos meus amigos, mas também da vida que de lá trazia. A riqueza artística e humana que eu vi lá também a vejo cá. Comecei a ter mais cuidado no que cantava e como cantava. Ouvi sempre com total atenção o que o José Mário Branco dizia, “o silêncio também é música”, durante as gravações dos discos, ao Camané e aos músicos que o acompanhavam. Fui para outra casa de fados, onde permaneço até hoje, Sr. Vinho, a casa de Maria da Fé, a quem oiço dizer que o fado é sempre um mistério, nunca sabemos como estamos e o que vamos conseguir fazer, tudo o que temos no coração aparece no que cantamos. Como a Manuela de Freitas muitas vezes diz, “o poema tem que ser cantado de dentro”.

E agora começou a nova aventura, uma nova aprendizagem, os concertos; levar o Fado, este fado, o meu fado, o nosso fado, para outra dimensão e protegê-lo de adversidades ou perversões

várias, aprendendo a conhecer profundamente esse lugar chamado Palco e esse círculo alargado de ouvintes chamado Público. Em Portugal, o local de eleição de sempre e para sempre desta arte exclusivamente nossa; os melhores aqui na nossa terra, serão sempre os melhores no mundo, porque somos únicos, e os únicos que sabemos como ninguém poderão saber e sentir esta arte, a solidão e a ignorância entre fadistas e portugueses poderão, às vezes, fragilizar quem se entrega à defesa e descoberta desta estranha forma de arte e de vida tão antiga e simultaneamente nova, salvando-se sempre na perspectiva permanentemente renascida duma eternidade possível!

Vou cantando para além de Lisboa, o ponto de partida do meu fado para todo o lado, e de onde parto e aonde regresso sempre para tudo, para cantar o meu fado quer a norte quer a sul de Portugal... por cá alargam-se os espaços e cresce o número de corações que me ouvem no que tenho para lhes cantar, o que é uma grande responsabilidade e um desafio... lá por fora a não compreensão da língua ainda não bloqueou a partilha do essencial, pelo contrário, em Marrocos, em Viena de Áustria, na Bélgica – a cantar para José Saramago e para o seu público (todos tradutores especializados na obra do escritor a quererem saber mais p'la boca do próprio) – e de volta ao Piccolo Teatro de Milão agora para apresentar o meu trabalho de *Apenas o Amor*, onde encontro desde sempre pessoas com quem aprendo e desperto para o essencial; desta vez conheci o trabalho e pessoalmente um Grupo de Teatro da Palestina, um grupo de actores, músicos e um

encenador que se juntam no meio duma guerra para alimentar a criação artística que dizem que os ajuda a acreditar na paz e na felicidade para que afinal todos nascemos...

E a mim cabe-me dar tudo a cantar, também em palcos como o grande auditório da Culturgest, para merecer convites como o de Miguel Lobo Antunes, para quem um gesto de cultura passa também pelo encontro e pela conversa “cara a cara” entre quem convida e quem é convidado, para se verem e ouvirem a pensar alto sobre o trabalho em causa e a vida em geral... o que à partida me fez sentir em casa porque acredito na existência da minha arte (e na das artes em geral!) como algo essencial na construção de um mundo melhor, mais sensível, inteligente... mais desperto e mais humano!

Regresso sempre a casa com orgulho e gratidão pela grandeza desta arte que preserva cuidadosamente uma música que nasceu para a servir a nossa língua na sua forma mais inteira, no som e no silêncio, a palavra escrita, a palavra dita, a palavra cantada, a Poesia. Como diria o poeta, Teixeira de Pascoaes, “não fora a palavra e ainda andávamos repletos de pêlos!”.

De cada partida regresso com a certeza de estar ligada a esta terra acima de tudo porque sou fadista, seria incapaz de exercer esta profissão fora desta morada; andei “lá por fora”, Itália, Espanha, França e Holanda, com permanência duradoura em Amesterdão, cidade que me encantou à laia dum conto de fadas. Todas estas minhas primeiras viagens pelo mundo são mais um motivo de gratidão à minha profissão, porque aprendo infinitamente com todas

e tantas diferenças culturais, geográficas e humanas que só as viagens nos ensinam. Porém, quando a distância de Lisboa é demasiada, a minha motivação para cantar enfraquece, como se lhe faltasse o alimento que só pode vir de todos os afectos com que cresci e cresço dia-a-dia. Quero continuar a partir, por curtos espaços de tempo, só para redimensionar o regresso... a mim e aos meus amores!

Continuando pela vida, fazendo o meu caminho, andei a descobrir(me) no meu disco *Crua* e no concerto outros sentidos dentro do mesmo caminho; consegui fazer o *Crua* só com letras do João Monge sobre músicas do Fado Tradicional! Enquanto intérprete, sem falsas modéstias, tenho a certeza que cresci com esta oportunidade única;

canto alguém de muito talento, o letrista João Monge, que vive no mundo e no tempo em que vivo; a criatividade construtivamente confrontada, questionada e discutida com quem acredita e ama a nossa arte como nós, com todas as semelhanças e diferenças que nos unem, permitiu-me aprofundar o meu trabalho e, sem espanto, a própria vida!

Em Abril de 2008, outra revolução na minha vida artística, inauguro a minha Editora e Produtora Musical, Roda-lá Music, através da qual editei o meu terceiro disco, *Mulheres ao Espelho*, em Junho de 2008, (re)iniciando uma nova e determinante etapa nesta minha jornada para a felicidade. E espero, sinceramente, que seja também a felicidade de outros, para além de mim, senão nada disto faz sentido. Estou grata à



© Isabel Pinto

Vida. E reconhecida aos profissionais extraordinários que me rodeiam neste novíssimo ciclo da minha profissão, que por sorte ainda são meus amigos.

No ano seguinte, *Mulheres Ao Espelho* sobe ao palco da Culturgest e comigo, como nos discos e espectáculos anteriores, José Manuel Neto na guitarra portuguesa e Carlos Manuel Proença na viola (ambos filhos de fadistas, o primeiro de Deolinda Maria e o segundo de Maria Amélia Proença), companheiros da minha voz, que me souberam dar a alegria e o conforto para hora e meia de 21 fados que o público aplaudiu com admiração e insistência. Espectáculo que também foi ao Porto, a convite do Teatro Nacional São João, no Mundial do Teatro.

Entretanto, estreou-se *Princesa Prometida*, no IndieLisboa, do talentoso Manuel Mozos, que me soube mostrar por dentro como mulher e fadista, mais tarde editado em DVD, pela Midas, num documento de que tenho um orgulho imenso.

Em Julho de 2010, estreou-se um dos espectáculos que mais me comoveu e de uma importância criativa inequívoca: *Aldina Duarte por Olga Roriz*. E o título, parece-me, não poderia ser mais poderoso, pois colocava em palco a visão de uma mulher que sempre trabalhou com corpos, expressão de tudo o que temos para comunicar, e a Olga Roriz fê-lo com alma e paixão, sentimentos que eu tanto admiro.

Este ano, há *Contos de Fados*, um disco que nasce da minha paixão pela literatura, pela poesia, enfim, pelas palavras. E nele há Manuela de Freitas, Maria do Rosário Pedreira, José Mário Branco e José Luís Gordo, cujo o dom de dizer

(ou de escrever) se confunde com a música. E assim regresso a um dos palcos onde a cultura sempre teve um lugar de eleição e de escolhas criteriosas, a Culturgest, e, quem sabe, muito do público que me viu pisar um palco que para mim será sempre imenso.



© Isabel Pinto



## Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de acções, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto

de medidas adicionais, estando prevista uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas acções não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projecto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos *Voluntary Carbon Standard* (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em: [www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/Caixa-Carbono-Zero)



## Próximo espectáculo

© Laurent Philippe

# Orphée Orfeu pela Companhia Montalvo-Hervieu

**Dança** Sex 16, Sáb 17, Dom 18  
**de Dezembro** Grande Auditório · 21h30  
(Dom 18 às 17h) · Dur. aprox. 1h10 · M10



**Coreografia** José Montalvo e Dominique Hervieu **Cenografia e conceito vídeo** José Montalvo  
**Figurinos** Dominique Hervieu **assistida por** Siegrid Petit-Imbert **Conselheira de dramaturgia** Catherine Kintzler **Assistentes de coreografia** Joëlle Iffrig, Roberto Pani **Luzes** Vincent Paoli  
**Colaborador vídeo** Pascal Minet **Infografia** Franck Chastanier, Sylvain Decay, Clio Gavagni, Michel Jaen Montalvo, Basile Maffone  
**Música** Claudio Monteverdi, Christoph W. Gluck, Philip Glass, Francesco Durante, Giuseppe Maria Jacchini, William Byrd, Luiz Bonfá, La Secte Phonétik, Sergio Balestracci **Criado com e interpretado por:**  
**Bailarinos** Stéphanie Florant, Natacha Balet, Delphine Nguyen dite Deydey, Lazylegz, Babacar Cissé dit Bouba, Grégory Kamoun, Karim Randé, Stevy Zabarel dit Easley; **Bailarinos-cantores** Sabine Novel (soprano), Blaise Kouakou (baixo), Merlin Nyakam (baixo); **Cantores e músicos** Soanny Fay (soprano), Julien Marine (contra-tenor), Sébastien Obrecht (tenor/violoncel-

lista), Florent Marie ou Diégo Salamanca (tiorba) **Co-produção** Théâtre National de Chaillot/ Association artistique de l'Adami/Talents Danse Adami/Grand Théâtre de Luxembourg, Théâtre de Caen

Com esta criação a dupla Montalvo-Hervieu convida-nos a um mergulho extravagante nas profundezas do mito de Orfeu. Estes dois filhos de Dada souberam ao longo dos anos conquistar todos os públicos, dando a ver mundos coreográficos e visuais de uma riqueza exuberante. Esta leitura do mito de Orfeu marca uma viragem no seu trabalho, a meio caminho entre a ópera e a comédia musical, misturando vídeo, hip-hop, dança contemporânea e africana, canto e mesmo dança sobre andas... Outras tantas emoções e surpresas que dão vida a uma multiplicidade de Orfeus e Euríclides. Esta versão contemporânea e descalça do mito irá, de certeza, encantar-vos.

#### Conselho de Administração

##### Presidente

António Maldonado

##### Gonelha

##### Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

##### Assessores

##### Dança

Gil Mendo

##### Teatro

Francisco Frazão

##### Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

##### Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Joana João *estagiária*

##### Direcção de Produção

Margarida Mota

##### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

##### Exposições

##### Coordenação de Produção

Mário Valente

##### Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

##### Culturgest Porto

Susana Sameiro

#### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

##### Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

##### Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blázquez

##### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

##### Direcção Técnica

Paulo Prata Ramos

##### Direcção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

##### Assistente de direcção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

##### Audiovisuais

Américo Firmino

*coordenador*

Paulo Abrantes

*chefe de áudio*

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

##### Iluminação de Cena

Fernando Ricardo *chefe*

Nuno Alves

#### Maquinaria de Cena

Alcino Ferreira

Artur Brandão

##### Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

##### Frente de Casa

Rute Sousa

##### Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

##### Recepção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

##### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

##### Colecção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---